

Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens

*Dressed as an Anthropologist:
nudity and body in sex clubs for men*

Camilo Albuquerque de Braz

*Doutorando em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas
Mestre em Antropologia Social
camilo_braz@yahoo.com.br*



Resumo

Este artigo é sobre os percursos teóricos, etnográficos e metodológicos que levaram a escolher clubes de sexo para homens como campo de investigação. Reflete sobre a inserção etnográfica do autor, discutindo algumas dificuldades e estratégias adotadas para superá-las. Sendo uma pesquisa que demanda necessariamente a exposição em contextos permeados por expectativas que giram em torno do desejo, uma estratégia para tornar essa “saia-justa” metodológica e analiticamente rentável foi tomar a corporalidade aqui tanto como objeto de investigação, quanto como metodologia de pesquisa.

Palavras-chave: Gênero. Homossexualidade. Erotismo. Etnografia. Corpo.

Abstract

This article is about the theoretical, ethnographical and methodological paths that led me to choose male sex clubs as an investigation field. I will reflect about my ethnographical insertion, discussing some difficulties and the strategies I adopted to overcome them. Being this an investigation that necessarily demands an exposure in contexts filled with desiring expectations, a strategy to make this “fix” methodologically and analytically profitable was to take corporality here both as an investigation object and a research methodology.

Keywords: Gender. Homosexuality. Eroticism. Ethnography. Body.

Introdução

[Que mais você acha que é legal me falar sobre essas experiências nos clubes de sexo? algo que eu não tenha perguntado e que você ache legal frisar...]

Acho que já falei tudo. Não sei mesmo...

[algo que você acha que pode me ajudar a entender melhor esses clubes?]

Você tem que entender o tesão das pessoas. E não os clubes.

[R., 34 anos, São Paulo-SP, conversa via MSN em 12/01/08, de madrugada].

A pesquisa que embasa este artigo não é apenas sobre clubes de sexo para homens.¹ É uma investigação sobre os modos como diversos marcadores de diferença operam em seu cotidiano. Constitui-se, sobretudo, num estudo sobre as convenções que permeiam as práticas sexuais e as escolhas eróticas vividas nesses espaços, questionando especialmente os modos pelos quais a masculinidade é reivindicada, apropriada, significada, corporalizada e performatizada nesse mercado (BRAZ, 2007a). Sua metodologia é qualitativa, envolvendo etnografia, observação do cotidiano, conversas informais, entrevistas gravadas, diários de campo. A pretensão é antropológica, na medida em que busca interpretar uma miríade de discursos, falas, cenas, fragmentos, experiências... traduzindo-os numa linguagem técnica, acadêmica (GEERTZ, 2000).

Os percursos que me levaram a delimitar os clubes de sexo como campo de investigação etnográfica e a construir as questões que eu procurava entender a partir daí confundem-se de tal modo que não sei discernir qual deles “determina” o outro. Talvez porque a questão aqui – como em qualquer outro lugar – não seja de determinação, mas de relação. A materialização desses percursos em texto é meu primeiro objetivo aqui. O segundo é refletir sobre minha inserção etnográfica, discutindo algumas dificuldades e estratégias adotadas para superá-las.

¹ Este artigo apresenta resultados preliminares da pesquisa de Doutorado em Ciências Sociais que venho realizando no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação da professora Maria Filomena Gregori (Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU/ IFCH), financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

É preciso afirmar inicialmente que a escolha de clubes de sexo para homens como objeto de investigação está relacionada ao meu interesse em, por um lado, discutir e trazer elementos empíricos para a reflexão e os debates socioantropológicos atuais sobre temas relacionados a sexualidades e erotismos “não-heterossexuais”, bem como às sociabilidades que envolvem e suas convenções.

Por outro lado, pretendo com esta pesquisa contribuir para suprir as lacunas derivadas da relativa escassez de estudos realizados no Brasil sobre prazer sexual, erotismo e desejo sexual, envolvendo formas diversas de expressão da sexualidade,² dialogando com a linha de estudos iniciada nos últimos anos por minha orientadora, a professora Maria Filomena Gregori, que em suas pesquisas comparativas tem aprofundado o conhecimento na área de Antropologia e Estudos de Gênero sobre as novas formas dos erotismos contemporâneos e discutido suas implicações e articulações sobre a violência interpessoal e de gênero (GREGORI, 2003; 2004; 2007).

Tentarei explicar abaixo como cheguei às questões norteadoras dessa etnografia. Partirei de alguns percursos que, embora separados em tópicos distintos neste texto, estão mutuamente imbricados na formulação dos problemas aqui propostos.

Percursos teóricos

Um possível ponto de partida para quem se interessa pelo estudo das sexualidades é a obra de Michel Foucault, que questiona a naturalização do termo “sexualidade”. Ele afirma que os desejos sexuais não são entidades biológicas pré-existentes, mas são constituídos no curso de práticas sociais específicas, determinadas historicamente (FOUCAULT, 1977). O autor ressalta os aspectos geradores da organização social do sexo e não os seus elementos repressivos, mostrando que há uma espécie de positividade nos dispositivos da sexualidade e que novas modalidades estão sempre sendo produzidas (FOUCAULT, 1977; 1979; 1983). É a partir de sua obra que surge a noção de um processo histórico de autonomização da sexualidade em relação a outros sistemas sociais como traço das sociedades ocidentais contemporâneas.

² Num panorama das pesquisas brasileiras em Ciências Sociais relativas a sexualidades e direitos sexuais no período de 1990 a 2002, publicado pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), aponta-se uma ausência relativa de estudos sobre o erotismo, o prazer e o desejo sexual masculino e feminino, em comparação a um grande número de publicações em outras áreas, tais como sexualidade e juventude, sexualidades em tempos de AIDS ou prostituição (CITELI, 2005). Sobre a problemática dos direitos e políticas sexuais no Brasil, cf. também Vianna e Lacerda (2004).

Em *Thinking Sex*, Rubin (1993) propõe elementos descritivos e conceituais para refletir sobre sexo e política.³ A autora desenvolve o conceito de estratificação sexual, por meio do qual postula que as sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais de acordo com um sistema hierárquico de valor sexual. Nessa estratificação, os estilos de sexualidade considerados “bons” (normais, naturais, saudáveis), tais como modalidades heterossexuais, no marco do casamento, monogâmicos, reprodutivos, se oporiam aos “maus”, expressos nas práticas sexuais de travestis, transexuais, fetichistas, sadomasoquistas, no sexo comercial, por dinheiro, entre gerações, contando com áreas intermediárias.⁴ Dessa forma, Rubin afirma a relevância das sexualidades não reprodutivas no domínio da sexualidade e, além disso, legitima a importância dos estudos acadêmicos sobre elas.

Nos anos 1990, assistiu-se à profusão dos chamados estudos *gays* e *lésbicos*, que clamam pela distinção analítica entre gênero e sexualidade, ao mapearem criticamente a “estratificação sexual” presente nas sociedades modernas. Uma das críticas desses estudos é que, na análise de sexualidades heterossexuais, o gênero apareceria aprisionado numa distinção binária, na qual a sexualidade é atravessada por uma linha divisória entre homens e mulheres que parece estabelecer uma continuidade entre “sexo” e gênero.⁵ A noção de que existem práticas sexuais “boas” e “más” permeia boa parte dessa produção, que pensa o sexo como um vetor de opressão que atravessa outros modos de desigualdade social (classe, raça, etnia ou gênero). Para Piscitelli (2003, p. 214-215),

na atualidade são, sobretudo, os estudos feitos da perspectiva *gay* e *lésbica* que parecem atualizar o espírito contestador de certas linhas do pensamento feminista em relação à sexualidade. Esses estudos, destacando a distinção entre sexualidade e reprodução, insistem veementemente na distinção analítica entre gênero e sexualidade.⁶

³ A intenção de Gayle Rubin é contribuir para uma reflexão libertária sobre a sexualidade. Para isso, a autora coloca a necessidade de formular um inteligente e coerente *corpus* de pensamento radical sobre sexo, que possibilite o desenvolvimento de pontos de vista radicais sobre a sexualidade. O ensaio tem como objetivo geral propor elementos de um quadro descritivo e conceitual para refletir sobre sexo e política (RUBIN, 1993). Sobre o contexto político que levou Rubin a formular essas idéias, cf. a entrevista realizada com a autora por Judith Butler (2003) e Carrara, Gregori e Piscitelli (2004).

⁴ É importante notar que, em nota de 1992, revisando o artigo para nova publicação, Rubin (1993) afirma que seu sistema classificatório não dá conta de todas as complexidades existentes, servindo apenas para fins de demonstração. As relações de poder no âmbito da variação sexual seriam muito mais complexas.

⁵ A esse respeito, cf. Piscitelli (2003).

⁶ Vale lembrar que Judith Butler foi a primeira crítica da tendência geral dos *queer studies* de separação entre as “teorias de sexualidade” e as “teorias de gênero”, focalizando as primeiras e deixando as segundas para o feminismo (BUTLER, 1997). Cf. também Gregori (2003).

Por meio da noção de estratificação sexual, é possível uma justificativa (teórica e política) da escolha de clubes de sexo para homens como objeto de estudo, uma vez que as práticas neles realizadas estariam localizadas nas esferas mais baixas dessa estratificação. Acredito, porém, que um olhar sobre as teorias ditas pós-estruturalistas ou pós-modernas possibilitem a (re)articulação entre gênero e sexualidade e um maior refinamento do propósito analítico desta pesquisa.

Em *Problemas de Gênero*, Butler (2003) busca facilitar a convergência entre as perspectivas feministas, gays e lésbicas sobre o gênero com a teoria pós-estruturalista. A autora desenvolve uma “teoria performativa” de atos de gênero que rompem as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, “ocasionando sua re-significação subversiva e sua proliferação além da estrutura binária” (BUTLER, 2003, p. 11).

Para a autora, o “eu” é constituído por posições, é situado, e essas “posições” não são meros produtos teóricos, mas “princípios organizadores embutidos de práticas materiais e arranjos institucionais, que são as matrizes de poder e discurso que me produzem como um 'sujeito' viável” (BUTLER, 1997). Isso significa não tomar o sujeito como um ponto de partida. A crítica do sujeito não é uma negação ou repúdio a ele, mas um modo de interrogar sobre sua construção como dada de antemão. Desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão e “abrir” um termo (como “o” sujeito) a uma reutilização e uma redistribuição anteriormente não autorizadas (BUTLER, 1997). Do mesmo modo, desconstruir a materialidade dos corpos significa apenas suspender e problematizar o referente ontológico tradicional do termo, o que proporcionaria um meio para se pensar em atos corporais (ou materializações) alternativas.

Essas idéias levam a pensar tanto as materializações dos corpos quanto a produção das subjetividades como contingentes: a possibilidade de existência (ou a “abjeção”) dos corpos e dos “sujeitos” depende da matriz discursiva de inteligibilidade a que se esteja referindo. Pode-se apontar, nesse sentido, a rentabilidade das idéias de Avtar Brah para se pensar em identidades como marcadas por posicionalidades de sujeito, em constante transformação, não podendo ser caracterizadas como fixas ou singulares. Desse modo,

a identidade pode ser entendida como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o “eu” (BRAH, 2006, p. 371).

Parto aqui, portanto, desse pensamento de inspiração antropológico-feminista contemporâneo, que toma a “diferença” como categoria analítica (MOORE, 1996) e aponta a necessidade de pensar a interseção de diversos marcadores na produção contextual e relacional das identidades e subjetividades. Mas o entendimento de como construí minhas questões de pesquisa não se dá ao se levar em conta apenas esse percurso teórico, mas também minha trajetória etnográfica. É sobre ela que falarei a seguir.

Percursos etnográficos

De início, eu tinha já em mente que esta pesquisa não incluiria as práticas sexuais realizadas em espaços como praças, parques ou banheiros públicos, focando em locais inseridos no chamado “mercado segmentado”, que cobram um valor de entrada para seus clientes.

Ainda assim, abria-se um campo de investigações perigosamente amplo: dentro do “mercado do sexo”⁷ ou “mercado contemporâneo de bens eróticos” (GREGORI, 2007) em São Paulo, há um vasto e diversificado segmento voltado para pessoas que buscam relacionar-se com outras do mesmo “sexo”, incluindo aí as que se definem como homens buscando outros homens. Muitas boates e bares paulistanos contam com um espaço específico para sexo (os chamados *dark-rooms*). Há também muitas saunas para homens, bem como bares que contam com cabines para o sexo, além dos cinemas pornô e das cabines onde se paga para assistir filmes pornográficos, espalhados pelo centro da cidade.

Ao longo do ano de 2006, frequentei assiduamente páginas da *internet* relacionadas tanto aos locais comerciais para encontros sexuais (LCES) entre homens da cidade de São Paulo, quanto à busca de parceiros para sexo e/ou relacionamento afetivo.

Um dado que me chamou a atenção é que na grande maioria dos perfis cadastrados em tais páginas, os usuários buscavam conhecer “caras machos”, com postura “masculina”, sem “trejeitos” ou “afetações”. Apresentar-se como “discreto”, “fora do meio” e sobretudo “não afeminado” parecia ser uma

⁷ Por “mercado do sexo”, sigo as idéias de Augustín, para quem “Este término incluye burdeles o casas de citas, clubes de alterne, ciertos bares, cervecerías, discotecas, cabarets y salones de cóctel, líneas telefónicas eróticas, sexo virtual por Internet, sex shops con cabinas privadas, muchas casas de masaje, de relax, del desarrollo del ‘bienestar físico’ y de sauna, servicios de acompañantes (*call girls*), unas agencias matrimoniales, muchos hoteles, pensiones y pisos, anuncios comerciales y semicomerciales en periódicos y revistas y en formas pequeñas para pegar o dejar (como tarjetas), cines y revistas pornográficos, películas y videos en alquiler, restaurantes eróticos, servicios de dominación o sumisión (sodomismo) y prostitución callejera: una proliferación inmensa de posibles maneras de pagar una experiencia sexual o sensual” (AUGUSTÍN, 2000).

maneira de se tornar mais valorizado sexual/afetivamente. Tanto aqueles que se identificavam como “ativos” quanto os “passivos” nessas páginas declaravam-se “não afeminados” e buscavam parceiros como eles. Quase todos os que buscavam encontrar parceiros para sexo “grupal”, no qual um homem deve ser penetrado por outros homens, frisavam a exigência de que o “passivo” fosse “macho”, masculino, viril.

Quando iniciei meu trabalho prévio de campo, tinha como propósito etnografar cinemas pornôs, saunas, bares e clubes de sexo. Meu interesse era construir uma interpretação antropológica da sociabilidade presente nesses espaços e de seus sujeitos. Influenciado pelas idéias já expostas de Judith Butler, acreditava que, de certa forma, aí encontraria “corpos abjetos” dentro de uma matriz heteronormativa (BUTLER, 2002).

Pensar em abjeção⁸ em relação a uma matriz social e culturalmente disseminada não significa, contudo, que não possamos pensar na criação de “matrizes alternativas” de inteligibilidade, nas quais a “coerência” seria dada por outros modos de arranjo entre categorias diversas. O fato de que os universos metropolitanos de pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras do mesmo “sexo” (designados GLS, GLBT ou nenhum dos dois) criam em seu interior formas próprias de “inserção” e “abjeção” é algo que vem sendo apontado em estudos contemporâneos realizados em São Paulo.⁹

A “hipervalorização da masculinidade” e a produção do “macho” como sujeito e objeto de desejo são elementos implicados nos processos de materialização dos corpos e de produção de subjetividades em muitos dos contextos de circulação de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens, no Brasil contemporâneo (cf., por exemplo, SIVORI, 2006).¹⁰ Tais convenções apareceram bastante difundidas e diversamente marcadas nos locais comerciais para encontros sexuais (LCES) entre homens que investiguei (cf. BRAZ, 2007a; 2007b; 2007c e SANTOS, 2007).

⁸ O abjeto designa, para Butler, aquelas “zonas invivíveis”, “inabitáveis” da vida social “que, sem dúvida, estão densamente povoadas pelos que gozam da hierarquia dos sujeitos, mas cuja condição de viver sob o signo do ‘invivível’ é necessária para circunscrever a esfera dos sujeitos” (BUTLER, 2002, p. 19-20). A inteligibilidade não deve ser tomada, aqui, como um campo fechado ou um sistema com fronteiras finitas. É um campo aberto. A prática social seria constituída por atos repetidos que se instituem como normatividades hegemônicas quando encobrem seus efeitos. Sendo um campo em aberto, nas margens se encontram os “sujeitos” excluídos. E eles ajudam a entender o que seria a norma. A autora se inspira aqui na leitura que Kristeva faz das idéias de Mary Douglas (DOUGLAS, 1976) para a constituição da idéia de abjeção. Os corpos que “não são” tornam-se importantes para se entender as normas que constituem as subjetividades possíveis ou inteligíveis (os corpos que “são”). Cf. Kristeva (1982).

⁹ Cf., por exemplo, Simões (2004); Simões e França (2005); e Facchini (2006). Vale salientar que os chamados *queer studies* tratam há tempo dessa questão.

¹⁰ Cf. também artigo publicado por Carrara (2005) na *Folha de S. Paulo*.

Esse trabalho de campo preliminar, aliado às referências teóricas de meu interesse, levou-me à formulação de algumas questões a serem investigadas. Por mais questionável que seja do ponto de vista das hierarquias que coloca, a criação discursiva do “macho” como objeto de desejo entre esses homens pode ser lida como rearticulação ou deslocamento de convenções relativas a sexo, gênero, desejo e práticas sexuais que comporiam a matriz heteronormativa culturalmente disseminada a partir da qual os sujeitos ganham inteligibilidade, ou seja, “vêm a ser” (BUTLER, 2003). Por outro lado, a valorização da masculinidade implicaria a criação de novos modos de hierarquização e de inteligibilidade, que não podem ser menosprezados.

Se o processo de construção da subjetividade tem a ver com as relações entre sexo, gênero, desejo e prática sexual (BUTLER, 2003), como se dá a combinação de tais “marcadores” em locais comerciais para encontros sexuais (LCES) entre homens? E se é na repetição estilizada de práticas corporais que tais inscrições se materializam (BUTLER, 2002), a partir de quais marcadores os corpos dos sujeitos desses locais são discursivamente materializados, seja enquanto desejáveis, seja enquanto abjetos?

As perguntas estavam colocadas, mas restava ainda resolver o problema da delimitação do campo de investigações. Escolhi focar a etnografia nos clubes de sexo, que, além do mais, não foram ainda objeto de nenhuma investigação antropológica de que eu tenha conhecimento no Brasil.¹¹

Para Villaamil e Rubio (2006), os clubes de sexo para homens são um fenômeno assumidamente transnacional, com referentes homólogos nas “cenas” gays norte-americanas e européias. O interessante é que essa pesquisa vem demonstrando como se dá seu surgimento também no Brasil. Eles apareceram recentemente em São Paulo, inspirados em locais similares existentes nos EUA e em alguns países da Europa, buscando se diferenciar dos espaços que já existiam na cidade com a finalidade de propiciar trocas eróticas entre homens, como as saunas. O primeiro local comercial para sexo entre homens que se diferenciava do “modelo” adotado pelas saunas foi o Station, um *cruising-bar* que abriu suas portas em 1998, em Pinheiros. Lá não há toalhas enroladas na cintura – os clientes circulam vestidos. O local tem uma estética propositalmente *underground*, evocando uma espécie de *bunker* estilizado, com desenhos de inspiração “militar” nas paredes do bar, no andar

¹¹ O trabalho de campo nos clubes de sexo de São Paulo ocorreu de setembro de 2006 a maio de 2008. Atualmente, estou realizando uma pesquisa nos clubes de sexo de Madri, na Espanha, orientado por Fernando Villaamil, na Universidad Complutense. A pesquisa conta com apoio financeiro da CAPES, como parte do Estágio de Doutorado. A intenção é comparar os dois contextos na tese, partindo das mesmas técnicas de investigação e questionamentos teóricos.

de baixo. O sexo é praticado tanto no *dark-room* (quarto escuro) do térreo quanto nas numerosas cabines e *glory holes* (buracos nas paredes) espalhados no andar superior. É lugar comum entre os proprietários dos clubes de sexo a afirmação de que o Station abriu terreno para o surgimento de outros similares na cidade.¹²

Dentre esses clubes destaca-se o Blackout, inaugurado em meados dos anos 2000, na rua Amaral Gurgel, no centro da cidade. De acordo com os colaboradores de pesquisa com quem dialoguei, que o frequentavam naquele período, o clube surgiu para abrigar um público interessado em fazer sexo com “um algo a mais”. Além da possibilidade do sexo casual (que já havia nas saunas e cinemas pornôns, por exemplo), o local tinha para muitos uma aura “fetichista” ou “*hardcore*”, propiciada pelo investimento em acessórios tais como correntes, camas coletivas, *slings* (uma espécie de cadeira suspensa, feita de couro, utilizada para a prática sexual anal penetrativa, seja pelo pênis, seja pelo punho ou por vibradores) e outros equipamentos “sodomasoquistas” (s/m).¹³ Tudo isso em meio a pouca iluminação e presença de um público diverso e interessado em sexo em várias nuances, especialmente o sexo grupal (que, diferentemente do praticado nas saunas, é realizado nos clubes “em público”, na frente de quem estiver presente, e não em cabines privadas). Esse clube fechou cerca de dois anos depois de aberto e reabriu em outro espaço, no Largo do Arouche, mantendo o nome, os equipamentos, os acessórios e o título de “primeiro *sex club* do Brasil”, como se pode observar tanto no *site* dele na *internet* quanto pelos *flyers* que divulgam sua programação.

No local onde o Blackout funcionava, abriu há pouco mais de dois anos outro clube – No Escuro. Trata-se de um local pequeno, pouco iluminado, onde se pode perceber uma tentativa de criação de um espaço fetichista inspirado nas fantasias de “trabalhadores”. Espalham-se pelos ambientes equipamentos

¹² Outro local bastante citado é a SoGo, uma boate inaugurada entre o surgimento do Station e dos clubes de sexo, nos Jardins. De acordo com seu idealizador, com quem pude conversar, a boate era o chamariz para a tentativa de criar um bar *leather* (para *fetichistas* e *entusiastas do couro*), no último andar, cujo acesso se dava tanto pela pista quanto pela rua, sem precisar entrar na boate. Ele relatou o caráter de vanguarda dessa idéia, que teria sido inspirada em clubes europeus, bem como sobre os problemas enfrentados a partir do estranhamento de um público que não entendia direito qual era a proposta do espaço. A boate ainda existe, sob nova direção, e o *dungeon* hoje funciona nos moldes do Station – como um espaço estilizado para sexo em cabines.

¹³ A abreviação s/m é utilizada para “sodomasiquismo”. Essa sigla aparece em parte da bibliografia como designando jogos eróticos inspirados em fantasias de dominação e submissão (a esse respeito, cf. Gregori (2004). Cf. também Macclintock (1994; 2003)). A partir dos anos 1950, o tema passa a ganhar destaque na intelectualidade francesa, pela retomada dos escritos do Marquês de Sade e de Leopold von Sacher-Masoch (podem-se destacar também Maurice Blanchot, Michel Leiris, Simone de Beauvoir, Roland Barthes, Gilles Deleuze, Georges Bataille, dentre outros/as). Comparando escritos dos dois autores, Deleuze discute a unidade entre sadismo e masoquismo, argumentando que a idéia de “sodomasiquismo” é analiticamente inconsistente sob vários aspectos (DELEUZE, 1984). Para usar um jargão pós-moderno, eu diria que ela é discursivamente produzida no âmbito da medicina e da psicanálise. Essa é uma idéia especialmente interessante para quem toma o s/m contemporâneo como objeto de investigação.

e acessórios típicos de oficinas mecânicas – calotas nas paredes, cones de trânsito e ferramentas diversas, como martelos, parafusos e chaves de fenda. Na área escura dos fundos do clube, que os frequentadores apelidaram de “fundão”, uma escada mantém uma algema, com a qual se pode amarrar alguém e ser amarrado, em meio a camas coletivas. Esses dois locais estão no centro de São Paulo, no “circuito popular” dos locais para sexo entre homens, que inclui também os famosos cinemas pornôs, boates e algumas saunas.

Fora dali, em direção aos bairros de “camadas médias altas”, ficam, além do já citado Station, os outros dois clubes onde fiz a pesquisa de campo: Gladiators e RG. O primeiro, surgido há pouco mais de 3 anos, fica na região do Shopping Frei Caneca, na Consolação. Logo na entrada do Gladiators, na sala onde ficam os armários, estátuas gregas pairam ao lado de mesas com revistas pornôs masculinas. Passando pelo bar, no salão principal, onde a luz é azulada, há sofás e camas coletivas. Uma porta dá acesso a um ambiente menor, mais escuro, onde há *slings*, uma cadeira ginecológica e uma maca de sanatório, estrategicamente localizada embaixo de uma luminária de luz fraca e amarelada, com tiras onde se pode amarrar e ser amarrado. Numa outra sala ao fundo do saguão principal, uma cadeira de dentista cercada por uma área com *glory holes* complementa a aura fetichista que evoca “prazer e perigo”.

Já o RG surgiu como um clube privado, não aberto ao público em geral. Abriu pouco tempo depois do Blackout em Higienópolis. Para participar de suas festas, era necessário obter a aprovação num cadastro *online*, na página do clube na *internet*.¹⁴ Atualmente, o RG funciona na Vila Mariana. É o único clube onde se deve, obrigatoriamente, concordar em não vestir nenhuma peça de roupa, além dos calçados. Pode-se também optar pelo *bottomless* (sem a “parte de baixo” da roupa). Isso faz jus ao *slogan* do local, anunciado em sua página como o “1º bar naturista indoors”.¹⁵

Percursos metodológicos

Quando iniciei minhas primeiras incursões a campo, pairava acima da minha cabeça o fantasma dos riscos éticos que essa etnografia poderia vir a implicar. A despeito do pioneirismo da obra de Laud Humphreys (1970) no que

¹⁴ Os itens do cadastro são: ter uma aparência e uma atitude “masculina”; ter o peso proporcional à altura; ter entre 18 e 55 anos; ser “resolvido” e “*open minded*”, que, segundo alguns sujeitos de pesquisa, significaria não se restringir a fazer sexo com só um parceiro durante a festa, não fazer “carão”, nem “bancar o difícil”, estar, enfim, disposto *mesmo* a fazer sexo. Muito embora a consensualidade seja valorizada por meio da regra de que “não é não” (o que está presente em todos os clubes pesquisados).

¹⁵ Esse é um diferencial em relação aos outros clubes, onde é permitido ficar de cueca. No RG, isso só é possível na Festa da Cueca, que ocorre periodicamente.

diz respeito à sociologia do sexo entre homens em locais públicos, seu trabalho tornou-se mundialmente famoso, sobretudo, por conta dos graves problemas gerados a partir das técnicas de pesquisa empregadas pelo autor.¹⁶ Assim como na pesquisa de Humphreys, estou lidando com “caleidoscópios de fluidez sexual” (CARRARA; SIMÕES, 2007). Alguns frequentadores não “visibilizam” fora dos LCES suas preferências erótico-sexuais. Outros são comprometidos, seja com mulheres, seja com outros homens. No segundo caso, haveria aqueles cuja relação é “aberta”, possibilitando relações sexuais com outras pessoas. Mas haveria aqueles cuja relação é “fechada”, o que significa que o acordo entre os parceiros implica, a princípio, monogamia. Esses homens prezam locais “discretos” e buscam parceiros que, como eles, valorizem ou lhes garantam “discrição” e sigilo. Assim, tomei como pressuposto a necessidade de deixar claro desde o início para aqueles com quem conversei em campo, seja via internet, seja face a face, qual era meu objetivo – mesmo correndo o risco de que isso de algum modo “filtrasse” quem estaria ou não disposto a colaborar comigo.

As primeiras observações de campo estavam já mescladas com a frequência em páginas da *internet* relacionadas a esses locais e suas práticas, incluindo desde *sites* de busca de parceiros afetivo-sexuais, até comunidades do Orkut.¹⁷ Criei perfis nessas páginas sob o pseudônimo de Antropólogo Unicamp. Nos perfis, explicava qual o tema da pesquisa, disponibilizava o endereço eletrônico de meu *curriculum* cadastrado na plataforma *lattes*, e deixava um email para contato e um endereço de MSN¹⁸ que criei especialmente para a pesquisa.

Especifiquei que procurava colaboradores maiores de 18 anos e que os únicos critérios para a participação na pesquisa eram que eles já tivessem frequentado locais comerciais para encontros sexuais (LCES) entre homens na cidade de São Paulo ao menos uma vez, especialmente clubes de sexo, e que estivessem dispostos a partilhar comigo suas experiências nesses locais em conversas via MSN. Acionei também uma rede de amigos/as, colegas e conhecidos/as que, de alguma maneira, pudessem me apresentar possíveis colaboradores de pesquisa.

¹⁶ A esse respeito, cf. Leap (1999), Sívori (2002), Carrara e Simões (2007).

¹⁷ Rede virtual para contatos eletrônicos que se transformou em “febre” no Brasil. Uma instigante pesquisa acerca das identidades e sexualidades no Orkut vem sendo feita por Parreiras (2007).

¹⁸ Pelúcio, que também utilizou o MSN para realizar entrevistas em sua tese a respeito do modelo oficial preventivo para DST/aids voltado às travestis que se prostituem na cidade de São Paulo, define-o como “um programa de *instant messaging*, isto é, conversa em tempo real, por meio do qual o usuário, depois de baixar o programa e abrir um e-mail, pode anexar outros usuários que também tenham o serviço e conversar com eles” (PELÚCIO, 2007, p. 28).

Apesar da grande quantidade de pessoas que me adicionavam e que depois revelavam não ter ido a nenhum desses LCES, ao longo de pouco mais de dois anos entrevistei 29 homens via MSN, mantendo contato com alguns por quase todo esse período. Alguns deles nunca foram a clubes de sexo propriamente, mas trouxeram colaborações muito ricas a respeito de outros locais. Realizei também 13 entrevistas gravadas com frequentadores de clubes de sexo. Numa delas, também via MSN, utilizei microfone, enquanto as outras 12 foram “presenciais”. Seis delas foram feitas com colaboradores com quem já havia conversado via MSN (nesse caso, apenas com aqueles que já tivessem frequentado clubes de sexo) e que aceitaram ser entrevistados dessa forma. As demais foram realizadas tanto com pessoas que conheci em campo, quanto com algumas que me foram indicadas por outros entrevistados ou por amigos/as meus/minhas. Além disso, entrevistei com gravador os empresários e/ou gerentes dos clubes.

Para além das informações sociodemográficas, perguntei-lhes acerca de suas trajetórias afetivo-sexuais, escolhas e preferências eróticas. Quis saber sobre suas representações a respeito de parceiros ideais para relacionamento estável e sexo casual. Indaguei sobre suas experiências sexuais em contextos diversos, especialmente clubes de sexo, na cidade de São Paulo, buscando relatos sobre suas dinâmicas, seus sujeitos, suas práticas, hierarquias, convenções.

Corpos e prazeres

Certas características que observei em trabalho de campo e que foram relatadas pelos entrevistados implicam determinados parâmetros para entender a composição desse mercado, a começar pela faixa etária. O que observei (e boa parte dos entrevistados corroborou) é que, embora haja rapazes entre 18 e 24 anos ou homens com mais de 60 anos nos clubes, a maioria de seus frequentadores tem entre 25 e 50 anos, sendo bastante expressiva a presença de homens na faixa entre 30 e 40 anos.

Nos clubes, o sexo é praticado e percebido de uma maneira diferente do realizado em outros LCES, pois neles tudo é feito, a princípio, na frente dos demais – não há cabines ou portas, não há quartos totalmente escuros. Outra diferença é que nos clubes não há toalhas, como nas saunas, nem roupas (com exceção do Station) – as pessoas circulam nesses locais de cueca ou nuas, apenas com chinelos ou calçados.

Apesar da variedade de cenas e de experiências narradas, pode-se dizer que para a maioria dos entrevistados a experiência de ir aos clubes é percebida, em alguma medida, como “erótica”, no sentido que Georges Bataille (1987) atribui ao termo erotismo – transgressão a determinados valores socialmente sancionados. A idéia geral é que os clubes são espaços para práticas e experiências que não se tem em outros contextos e que de alguma maneira rompem com convenções culturalmente espraiadas de aceitabilidade e “normalidade” no que diz respeito ao sexo.

A princípio, os clubes parecem proporcionar um uso de corpos e prazeres relativamente livre dos constrangimentos vividos em outros locais. O fato de estar em um lugar fechado cujo mote é o sexo dá aos frequentadores uma sensação de segurança, como fica evidente nas falas que apontam a ausência, nos clubes, dos riscos associados ao sexo em locais públicos, ou mesmo do famigerado “carão” esnobe e excludente, tão presente em outros espaços, como em boates GLS.

Alguns dos colaboradores de pesquisa retratam com estranheza, outros com descomedida excitação, mas o fato é que quase todos, ao relatar a experiência de ir a um clube de sexo pela primeira vez, evocam o impacto de entrar num ambiente onde homens diversos, *seminus* ou *nus*, circulam em busca de sexo com outros homens, ressaltando a rapidez, praticidade e facilidade de encontrar pessoas que, a princípio, estão ali com o mesmo objetivo.

Contudo, conhecer os clubes de sexo mais de perto implica o reconhecimento de que essas experiências “à meia-luz” estão norteadas por marcadores de diferença diversos, que contextualmente podem resultar em desigualdades, hierarquizações e mesmo em exclusões.

Em todos os clubes, há espaços específicos para o sexo, salas com camas coletivas, sofás e poltronas espalhadas onde homens em silêncio circulam buscando parceiros. Há uma dinâmica de *cruising* transposta para esses locais, numa busca incessante por outros corpos para tocar e se deixar tocar.

A troca de olhares é fundamental, informando quando um flerte será ou não correspondido. Quando dois ou mais juntam-se e iniciam uma cena (de penetração, de sexo oral, de masturbação etc.), outros param ao seu lado. Algumas vezes, entram na cena. Outras vezes, apenas observam, enquanto se tocam, como *voyeurs*. Também é possível que, dali, outras duplas e grupos se formem, conformando outras cenas.

A possibilidade de participar de uma cena, ou de ser seu mero espectador, é dada, muitas vezes, pela maneira como alguém é ou não

inteligível enquanto “desejável”. E essa “desejabilidade” é informada, grosso modo, pela aparência, pelos atributos corporais e pela postura mais ou menos masculina.

No bar, nem sempre se “faz a linha de macho”. Não é raro observar alguns homens interagindo nesse espaço como se estivessem em outro local marcadamente GLS ou *gay*, como numa boate, conversando sobre assuntos variados, desde beleza e moda até música pop, ou dançando as músicas (muito parecidas com as das boates) sem que isso soe “fora de lugar”. Não que todos se comportem dessa maneira, mas aqueles que costumam agir assim em outros locais ou frequentam ambientes GLS podem, no bar, preocupar-se um pouco menos em “não dar pinta” de *gay*.

Já nas salas de sexo é diferente. É nelas que a hipermasculinidade é performatizada, reiterada e também “corporificada”. Esse sujeito “hipermasculino” de desejo é produzido discursivamente e atuado corporal e gestualmente nesses contextos. Essa hipermasculinidade corporalizada, *embodied*, institui a partir daí modos particulares de relação social.

Os sujeitos que participam efetivamente das cenas de sexo nesses clubes são aqueles inteligíveis dentro das reiteradas convenções que criam um sujeito de desejo “macho”.

Corpo a corpo

Foi meio estranho, a princípio. Ter de ficar nu. Apenas com os calçados e com a máscara que ganhei na entrada. Era uma festa de “mascarados”, para comemorar o aniversário do clube. A máscara preta, de elástico, me foi entregue pelo dono do local, que havia mandado fazer um enorme bolo em formato de pênis, avistado logo na entrada. Em volta dele, alguns rapazes já nus, apenas de tênis ou coturnos, altos e musculosos, comiam seus pedaços. No andar de baixo havia uma grande cama coletiva. A maioria dos frequentadores fazia sexo nesse espaço. A presença de malhados, “sarados” e “bombados” era marcante nesse dia. Havia, sim, homens mais velhos. Barrigudos, gordinhos. Mas a grande maioria era de “bombados”. Alguns eram “barbies”, outros eram típicos “ursos”. Um público “seleto”. Parece que a estratégia de “afastar as bichinhas” por meio do cadastro, ainda que ele seja “pró-forma”, como havia me dito um dos organizadores do local, no carro, enquanto íamos para lá, funciona bem. Eu pude

ver e ouvir o “macho versus macho” em carne, osso e músculos. Havia alguns garotos na faixa dos 20 aos 25 anos. Bem mais do que em alguns dos cinemas pornôs do centro. E quase não havia negros. Um público muito parecido com o que frequenta as boates da moda. Só que aqui eles procuram comportar-se de modo “masculino” e evitam “dar pinta”. O som tocado próximo ao bar também lembrava o das boates do circuito GLS moderno. A iluminação era penumbra, o que parece ser uma convenção em locais como esse. Depois de meia hora lá dentro, a nudez deixa de ser algo estranho. O que passa a ser esquisito é ver alguém chegando ao local, ainda com as roupas, ou ver os funcionários da casa vestidos, circulando para lá e para cá. Eu percebi que muitos me olhavam. Roçavam em mim enquanto eu passava, de espaço em espaço, apenas observando. Tentavam pegar em mim e eu me esquivava. Queria passar incólume, o mais neutro possível. Mas minha nudez não lhes era invisível [trecho de diário de campo].

Trago essas notas etnográficas porque elas textualizam e anunciam o meu segundo objetivo neste artigo, qual seja, discutir sobre minha inserção etnográfica nos clubes de sexo masculinos.

Concordo com Kulick (1995) quando afirma que o desejo no campo pode ser um dos modos por meio dos quais os/as antropólogos/as se percebem sabidamente posicionados e parciais e que isso pode ser muito produtivo, ocorrendo independente de o “agente desejante” ser o antropólogo ou outra pessoa no campo

“Mas agora confessa: como você se comporta lá dentro?” Perguntas como essa me perseguiram durante toda a realização do trabalho de campo, seja na *internet*, seja fora dela. Algumas vezes, fui indagado diretamente se praticava ou não sexo em campo. Ou mesmo se tinha um desejo oculto, uma vontade não dita de fazê-lo. Em outros momentos, a dúvida era posta de maneira indireta: questões sobre o que me levava, “no fundo”, a estudar esses clubes, ou ainda sobre “o meu verdadeiro interesse” nesse universo de práticas erótico-sexuais. Essas indagações surgiram tanto “em campo” quanto em conversas com amigos/as, não raro colegas de disciplina. Enunciada de diferentes modos, por diversos sujeitos, em diferentes contextos, uma reação recorrente à minha investigação era, assim, um ar de desconfiança quanto ao meu “real” interesse pelo campo e meu “verdadeiro” comportamento nele.

Muitas das conversas estabelecidas pela *internet* com os colaboradores de pesquisa estavam o tempo inteiro permeadas pelo flerte, pelas cantadas, pelas avaliações de minha foto, meu avatar (cf. Parreiras, 2007). Certas expectativas e percepções que associam o uso da rede à busca de parceiros sexuais, ou ao chamado sexo virtual, eram colocadas já no início de muitas das conversas.

A tentativa de compreender e buscar interpretar as maneiras como o meu próprio corpo estava sendo materializado nesses contextos, como uma primeira aproximação para o entendimento da materialização dos corpos (in)desejáveis nesses locais surgiu, em parte, quando decidi transformar esse incômodo também em questão de pesquisa.

Csordas (1999) afirma que o corpo pode ser construído ao mesmo tempo como fonte de representações e como fundamento do estar-no-mundo. Isso significa manter em mente a possibilidade de que a representação pode ser entendida como constitutiva da experiência e da realidade enquanto textos. O corpo pode não só ser visto como um objeto sobre o qual a cultura opera, mas também como o local das percepções, a partir das quais a cultura “vem a ser”.

Nesse sentido, a experiência corporal (porque sobretudo perceptiva) não só dos sujeitos estudados, mas também do/a antropólogo/a, pode ser alçada à categoria de método de pesquisa. Não se trata aqui de jogar fora a possibilidade do distanciamento, nem de “virar nativo”. Mas de levar em conta o quanto a realidade estudada pode ser incorporada não só nos sujeitos da pesquisa, mas também no/a próprio/a pesquisador/a.

Nos clubes, fiquei atento para tentar perceber quem era mais ou menos olhado, paquerado, assediado. E quem era “deixado de lado”. Isso incluiu a mim mesmo. Em campo, muitas vezes as pessoas com quem conversei e a quem entrevistei utilizaram meu corpo para exemplificar tanto o que lhes atraía, quanto o que lhes repelia. Uma maneira de perceber a materialização corporal dos sujeitos nesses clubes foi tentar entender a partir de quais parâmetros meu próprio corpo se tornou, neles, inteligível.

Considerações finais

Sendo esta uma pesquisa que demanda necessariamente a minha exposição em contextos permeados por expectativas que giram em torno do desejo, uma estratégia para tornar essa “saia-justa”¹⁹ metodológica e

¹⁹ Cf. a interessante coletânea organizada por Bonetti e Fleischer (2007).

analiticamente rentável foi tomar a corporalidade aqui tanto como objeto de investigação, quanto como metodologia de pesquisa. Pensar sobre o modo como a nudez – minha própria e dos outros – foi percebida nesses espaços permitiu um olhar inicial sobre as convenções que regem a corporalidade (in)desejável dentro deles. Nesse sentido, o corpo é aqui tomado não apenas como sujeito/objeto de reflexões, mas também como metodologia de pesquisa. Corpos que são fios narrativos e também analíticos.²⁰

A despeito de minha vontade, eu não era invisível nos clubes e minha relação com esses sujeitos esteve permeada pelas expectativas criadas a meu respeito quando estive em campo, assim como pelas minhas próprias expectativas quanto ao campo. Assim sendo, minha postura de observador foi interpretada a partir de diferentes convenções que permeiam esses espaços. A saída foi tentar tornar o desejo, ou o “estranhamento”, por parte dos frequentadores dos clubes (ou de seu *staff*), uma oportunidade para me aproximar deles e explicar o que estava buscando, fazendo e querendo ali. Com isso, consegui alguns dos colaboradores da pesquisa.

Se num primeiro momento eu fui, para aqueles em quem despertava desejo, um possível parceiro sexual, num segundo momento eu me transformava, situacionalmente, em *voyeur*, “tímido”, “careta”, “metido”, “professor”, “curioso”, dentre outras tantas possibilidades. Na pesquisa, sou, de certo modo, “liminar” em muitos sentidos – posso ser “o cara de Campinas” tentando me localizar e ser localizado na metrópole São Paulo; “o cara esquisito” que, estranhamente, entra nos clubes “para não fazer nada”.

Ter em mente que diferenças operam marcando nossa constituição subjetiva em campo pode ser uma boa oportunidade para começar a compreender como elas estão presentes nos contextos estudados – o que, em última análise, é um dos objetivos possíveis de serem almejados quando nos propomos a fazer a antropologia deles.

A experiência da nudez em campo me abriu para a possibilidade de enxergar que nos clubes, ao se ficar nu, paradoxalmente vestem-se outras “roupas”, ainda que simbólicas – eu, por exemplo, em certo sentido, nunca estive completamente nu em campo, mas sim “vestido de antropólogo”.

²⁰ Cabe lembrar que tal perspectiva não é novidade nas ciências sociais e está presente, por exemplo, nos trabalhos de Wacquant (2002), Csordas (1999) e Almeida (1996). Cf. também Braz (2006).

Referências

- ALMEIDA, Miguel Valle de. Corpo presente: antropologia do corpo e da incorporação. In: _____. (Org.). *Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Portugal, Oeiras: Celta, 1996.
- AUGUSTÍN, Laura M. Trabajar em la industria del sexo, 2000. Disponível em: <http://www.nodo50.org/mujeresred/laura_agustin-1.html>. Acesso em: 26 mar. 2008.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu* (26), Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2006.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. *Além da pele: um olhar antropológico sobre a body-modification em São Paulo*. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp, [2006].
- _____. Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. *Cadernos Pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2007a.
- _____. Nem toda nudez será castigada: sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo. *Ponto.Urbe* (01), Núcleo de Antropologia Urbana (NAU)/USP, 2007B. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/Albuquerque2007.html>>. Acesso em: 26 mar. 2008.
- _____. Corpo a Corpo: notas sobre uma etnografia imprópria. *Revista Artêmis* (07), João Pessoa: UFPB, dezembro/2007C. Disponível em: <http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero7/artigos/artigo_13.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2008.
- BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. *Entre saias-justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.
- BUTLER, Judith. Against Proper Objects. In: LEED, Elizabeth; SCHOR, Naomi. *Feminism meets queer theory*. EUA: Indiana University Press, 1997.
- _____. *Cuerpos que importan: sobre os límites materiales y discursivos del “sexo”*, Buenos Aires/Barcelona, México: Paidós, 2002.
- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARRARA, Sérgio. Só os viris e discretos serão amados? *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 jun. 2005. Caderno Mais.
- CARRARA, Sérgio; GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana. Introdução. In: CARRARA, S.; GREGORI, M. F.; PISCITELLI, A. (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2007.

CITELI, Maria Teresa. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002)*: revisão crítica. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CSORDAS, Thomas. The Body's Career in Anthropology. In: MOORE, H. L. *Anthropological Theory Today*. London: Polity Press, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectivas, 1976.

FACCHINI, Regina. Entrecruzando diferenças: corporalidade e identidade entre mulheres com práticas homoeróticas na Grande São Paulo. Comunicação apresentada na 25ª. RBA – Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. Prefácio: In: _____. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu* (20), Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2003.

_____. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e s/m. In: CARRARA, Sérgio; GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. Mercado contemporâneo de bens eróticos: apontamentos etnográficos e notas sobre gênero e práticas sexuais. Comunicação apresentada no Seminário Temático 28 (*Sexualidade e Ciências Sociais*). 31º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2007.

HUMPHREYS, Laud. *Tearoom trade. Impersonal sex on public places*. Chicago: Aldine, 1970.

KRISTEVA, Julia. From Filth to Defilement. In: *Powers of Horror: an essay on abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

KULICK, Don. Introduction. The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work. In: KULICK, D.; WILLSON, M. *Taboo: sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London and New York: Routledge, 1995.

LEAP, William L. (Org.). *Public Sex, Gay Space*. New York: Columbia University Press, 1999.

MACCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. *Cadernos Pagu* (20), Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. Campinas: Unicamp, 2003.

_____. Maid to Order: Commercial S/M and gender power. In: GIBSON, Pamela; GIBSON, Roma. *Dirty Looks: women, pornography, power*. London: BFI Publishing, 1994.

- MOORE, Henrietta. *Antropologia y Feminismo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- PARREIRAS, Carolina. Sexualidades.com: uma análise das relações interpessoais em comunidades virtuais. Pôster apresentado no 31º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 2007. Disponível em: <http://201.48.149.88/anpocs/arquivos/10_10_2007_14_46_15.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2008.
- PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – São Carlos: UFSCAR, 2007.
- PISCITELLI, Adriana. Comentário. *Cadernos Pagu* (21), Campinas: Unicamp, 2003, p. 211-218.
- RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: ABELove, Henry; BARALE, Michèle; HALPERIN, David. (Ed.) *The Lesbian and Gay Studies Reader*. Nova York: Routledge, 1993 [1984].
- SANTOS, Élcio Nogueira dos. Entre amores e vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês. *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Recife, 2007. Comunicação.
- SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais. In: CARRARA, Sérgio; GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SIMÕES, Júlio; FRANÇA, Isadora Lins. Do gueto ao mercado. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.
- SÍVORI, Horácio. Public Sex, Gay Space. *Mana*, v. 8, n. 2. Rio de Janeiro, 2002. Resenha
- _____. A identidade homossexual como regime de vida e suas éticas menores. 30º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2006. Comunicação.
- VIANNA, Adriana; LACERDA, Paula. *Direitos e políticas sexuais no Brasil: mapeamento e diagnóstico*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.
- VILLAAMIL, Fernando; RUBIO, María Isabel Jociles. *Los Locales de Sexo Anónimo como Instituciones Sociales: discursos y prácticas ante la prevención y el sexo más seguro entre HSH*. Informe ejecutivo. Madrid: COGAM-Fundación Triángulo-Universidad Complutense de Madrid, 2006.
- WACQUANT, Loic. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

